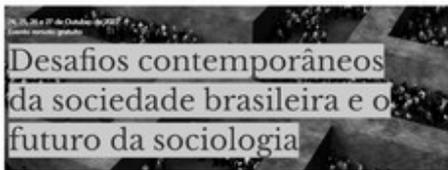




GT 01 – O futuro da vida nas cidades: desafios do con-viver

O indivíduo conectado e o cidadão desconectado?

Josevânia Nunes Rabelo
(CODAP/UFS)



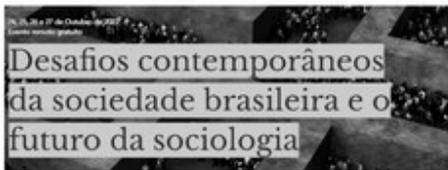
O indivíduo conectado e o cidadão desconectado?

Josevânia Nunes Rabelo
Professora do CODAP/UFS
Doutoranda em Sociologia do PPGS/UFS

1. Um “corre” para se fazer visível

É um luxo ter calma, a vida escalda
Emicida

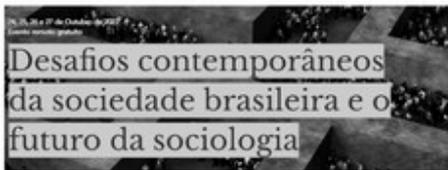
Identificar os indivíduos “esquizos” de uma cidade é inseri-la ao quadro de uma permanência das esferas de exclusão. Século XXI e, ainda, caminhamos pelos bairros na observação das suas imagens de repulsa. Uma exaustão dos traços objetivos da cidadania que ficaram na lembrança de uma humanidade a ser conquistada quando colocamos os limites para sermos, minimamente, respeitável na vida urbana. Entre o ideal e o escrito, existe o real a convocar uma proximidade com as “táticas” (CERTEAU, 2014) de sobrevivência daqueles que fazem suas tarefas diárias nas ruas de uma cidade. Assim, pensamos nos guardadores de carros do centro de Aracaju-SE, no espaço de estacionamento dos Mercados Thales Ferraz e Albano Franco. Denominados “flanelinhas” porque alguns possuem uma flanela indicando a atividade de trabalhadores da organização do trânsito. Nos locais citados, vimos alguns com essa espécie de bandeira, contudo, quase todos os reconhecem pela nomeação de “flanelinhas” em uma objetificação literal à atividade também de limpadores dos carros – comum a dinâmica de oferecerem os dois serviços: segurança e higienização do carro. Uma parte de quem são se resume ao traço de fazerem essa simbiose de territorializarem um “pedaço” da cidade. É a presença constante e da necessidade ao



mesmo tempo em que percebem uma atitude de constrangimento ao abordarem os proprietários de veículo, pois creem na delimitação de estar em espaço público.

Ao contrário, *em shopping centers*, apesar de todos os aparatos de segurança tecnológica e humana, pagamos o estacionamento disfarçando a indignação e não transferimos a raiva para um funcionário – é a impessoalidade da ação. Um indicativo do julgamento é de que: “A moral se deixa administrar como o comércio ou a economia” (FOUCAULT, p. 75, 1999). Nesses locais regulados pelo imperativo da lucratividade oficial tudo pode ser aceito, porém, a cobrança pelos mesmos serviços sem a confirmação de uma esfera conjunta da mediação compra-venda, deixa os indivíduos mais afeitos ao caráter de determinar quem são os rejeitados no apontamento rígido de “a-sociais”: “Na realidade, não é mais que o esquema de exclusões superpostas” (p. 81). São os “esquizes” (DELEUZE & GUATTARI, 2010) que adentram a perspectiva de estar fora e dentro do sistema: 1º) formatam suas próprias “linhas de fuga” a constituir uma forma de ganhar a vida deslegitimada pelo capitalismo e no campo maquínico dos fluxos; 2º) produzem a mais-valia para eles mesmos, nas ruas ao fundarem um modelo de ganhos pela troca de assegurarem um bem de terceiros.

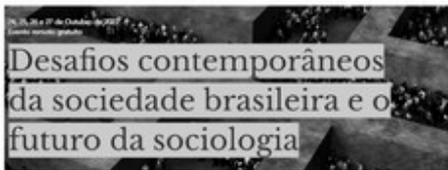
Justamente, é o trabalho das/nas ruas sem as marcações da esperança moderna de salvamento da cidade na condição da plena atividade individual de sobrevivência, aos moldes de uma crença na máquina social com ajustes além dos percursos definidos pelas próprias armações humanas. E, no século XXI, destacamos que a cidade se coloca em dois mundos aparentemente intercambiáveis de estarmos quase todos conectados, mas, divididos em quem está des-terrado como turista hipercultural (HAN, 2019) e, os outros, que não obtiveram a instância de saber onde estão. Nisso, queremos afirmar que o indivíduo pode até estar conectado, independente de seus recursos financeiros, mas a maioria deles, permanecem com a cidadania desconectada no esclarecimento de ficarem à deriva de um modelo libertário e inviável sem o dinheiro para a correspondência entre as duas esferas: o individual e a cidadania. E o



descompasso amplo desses lados resulta mais ainda na repulsa aos “andarilhos”: “A forma de existência do “andarilho” nietzscheano não se parece, contudo, com o do turista hipercultural. Isso porque falta a este o modo de andar vagaroso daquele” (HAN, p. 132, 2019). Comparando o “vagoroso” ao “corre” do flanelinha porque, em sua área, ele fixa a sua atenção para esperar o próximo cliente.

Enquanto, vemos a “terra” sendo criada na espacialização do jogo de um estacionamento do Centro, pois, é ali que travam a batalha pelo direito à permanência na cidade, ou melhor, impõem seu modo de ganhar a vida. Um ganhar que mais parece um elevado preço da existência, contudo, nas poucas horas de contato, vimos a deambulação feliz de quem já está acostumado às sinalizações das sociabilidades entre eles e com seus encontros de interação imprevistos, os quais reacendem a perspectiva das ruas e suas surpresas de choques. É o jogo do ganha-pão, a lembrar que a correria deixa esse “ganha” mais visível de uma atividade de trabalho. Esforços de uma vontade do ofertar um serviço que, para muitos, é dispensável e tem à associação de um autoritarismo advindo de quem nada tem. São as contradições de “pedaços” do espaço urbano, que se mostram pelas ações humanas, na fuga de uma normalidade esperada.

E para observarmos essas questões levantadas acima, utilizaremos a discussão teórica com as interpretações da observação do Mercado Albano Franco e Mercado Thales Ferraz, em Aracaju-SE, como espaços centrais de passagens no intervalo diurno. Serão realizadas 10 conversações no intuito de sabermos o sentido de espacialidade desses indivíduos que vivem da insistência de serem vistos. Pontos itinerantes com definições distintas da conjugação primordial do comprar e vender na rotação de quem para o carro e de quem o protege. Interessante que a fundação da atividade é o olhar humano simples na configuração da segurança da máquina. São, talvez, a dupla região dos conectados pelas artérias do urbano, mas adjuntos de vidas desconectadas de uma república prometida nas esferas oficiais da democracia. Percebe-se que tanto um quanto o outro, nos movimentos bruscos de quem paga e na



rapidez de quem corre para receber, estão distanciados no esquecimento de fazerem parte de um mesmo desejo de cidadania – já extremamente, desacreditada nos cantos de muitas espacialidades. A conceber apenas uma “ditadura” da técnica que seria bem-vinda, nesse caso, na forma dos famosos parquímetros: “(...) o tempo do pensamento, que é bem outro do que aquele do cálculo que hoje em dia, por toda parte, mantém tenso nosso pensamento” (HEIDEGGER, 2018, p. 23). O ser reduzido na “planificabilidade e na calculabilidade” é o já sujeitado nas formas simples de anular os não enquadrados. Porque a maioria dos guardadores de carros são os indivíduos flutuantes que caminham sem ancoragem, os outros, passam e fica impossível categorizá-los se já são navegantes da “espacialidade hipercultural”.

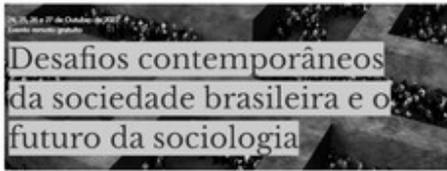
Sem deixar de admitir que, como Mercados do Centro, muitos são os conhecidos dos “flanelinhas”, ou seja, estão dentro da rotina de empregados, donos de lojas, ambulantes, feirantes, vendedores etc. São esses os ditos amigos, pois, confiam neles e mantém uma vinculação de respeito quando chegam e saem dos estacionamentos.

2. Dois lados: “Vocês ganham fácil, sem fazer nada” ou “Aqui é um emprego como qualquer outro”?

Embarga e assusta ser suspeito

Emicida

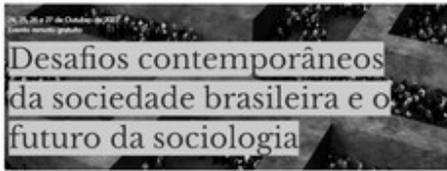
A delimitação do que seja trabalho ou não fica difícil quando precisamos até mesmo vender a “gratidão” em uma cultura do empreendedorismo, na atmosfera da comercialização de todas as “pseudodádivas”, as quais são os dons sem a reciprocidade, a levar vantagem nos diversos graus da fragilidade do outro: “(...) em vez de cooperarem com os outros, elas ordenam e comandam; em vez de darem, receberem e retribuírem a dádiva, elas tomam, recusam e rompem o círculo de



reciprocidade que anima a sociabilidade e mantém a sociedade viva” (VANDENBERGHE, 2016, p. 154). A quebra dessa dependência do “dar e receber” reafirma um sistema em que o ego é exposto para longe do limite porque a indiferença surge como recurso básico do estar no mundo. Na dinâmica do social as instâncias se misturam, por isso, não há divisão entre a “produção social e a produção desejanter” (DELEUZE & GUATTARI, 2010), conduzindo modos reacionários e revolucionários na mesma pessoa.

Logo, o questionário foi simples, mas, tinha a perspectiva de considerá-los dentro da regularidade de uma atividade mesmo na distância de mão de obra explorada no esquema restrito de patrão x empregado. Teve a intenção também de compreender um pouco a manutenção da vida no espaço-tempo dos imprevistos do dia. Interposto a isso, a ideia era ser rápido porque, como todos disseram, a variabilidade dos ganhos os deixam no “corre” visceral. E eis as perguntas: 1º) O que o Sr. diria sobre o Centro de Aracaju? 2º) Como é o dia a dia do trabalho? 3º) Como o Sr. divide o serviço com os colegas? 4º) Estudou até que série? 5º) O tempo em que está nessa tarefa? 6º) Como é a relação de guardador de carro com os proprietários do carro? 7º) Como é fazer o trabalho na rua? E para evitar repetições, colocaremos uma resposta de cada pergunta escolhida entre os flanelinhas. Após essa parte, ajustaremos as frases deles às necessidades da própria condução do texto. Mas, afirmamos que os comentários dos dez entrevistados foram bastante parecidos, especialmente, nas reivindicações de melhorias dos dois Mercados. Sendo cinco participantes de cada estacionamento. Desses dez, tivemos um cadeirante e uma mulher que executam a mesma atividade.

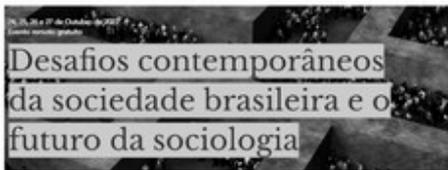
E ao iniciarmos a conversação, eles ficaram receosos de ser algum tipo de armadilha no sentido de ter um objetivo de retirá-los do local. Não entendi e pedi explicação, após mostrar a minha identificação institucional. Pressentindo que devia esclarecer a ideia do artigo para eles. Ficaram surpresos e na expectativa de algo diferente do que os preconceitos constantemente apontados. Nisso, já coloquei que



não há algo de positivo ou de negativo na produção de uma escrita sobre eles, somente, a recorrente necessidade de compreendermos as ações nos espaços urbanos, uma vez que faz parte de um trabalho pequeno vinculado aos estudos sobre a cidade. Foi, assim, na imprevisibilidade do contato inicial que eles explicaram e confirmaram a revolta de 2015, os quais foram “convidados” a deixar o ponto de trabalho, afinal, a “tecnópolis” (SENNETT, 2018) tentava invadir a espacialização dos flanelinhas nos Mercados centrais, em Aracaju. Desse modo, chegamos às seguintes colocações desse acontecimento:

Os problemas mais graves acontecem na área dos mercados, onde estão ocorrendo sucessivos protestos, reprimidos com a tradicional violência da Guarda Municipal, especializada em atacar os movimentos sociais de Aracaju. Na quinta-feira, a Guarda bateu e prendeu flanelinhas que tentavam garantir seus pontos. Na sexta-feira, viaturas e homens da tropa do prefeito cercaram toda a área do mercado, impedindo o uso das vagas – inclusive para os motoristas que quisessem pagar a empresa beneficiada pela prefeitura. As perspectivas para esta semana não são melhores. (Jornal do Dia, 04/10/2015)

E é pertinente retornar ao assunto para demonstrar como a cidade enxerga os “esquizos”. Na realidade, são esses os agentes que conseguem diminuir os problemas advindos da falta de cidadania. Assim, eles dizem: “aqui garantimos a feira”, apostando na compreensão do outro que também tem os mesmos propósitos. Fazem de tudo em defesa da sobrevivência, e, se já não bastasse clientes ignorantes à atividade, os gestores colaboram na perspectiva de colocá-los à margem de qualquer direito. Pois, as contradições do Rotativo Aju são visíveis e a sua aplicação resultaria em mais indivíduos excluídos. O aplicativo geraria lucratividade apenas para a empresa privada, mas, a segurança dos carros deveria ser realizada pelo Estado como lugar público. A confusão estava estabelecida, pois a falta de delimitação público x privado corresponde a uma má-fé da gestão. Assim, são as cidades caricaturas dos ditos espaços urbanos inteligentes, a comandar uma espécie de “disciplinamento no local” onde quem vive das/nas ruas fica refém dos projetos de alguns:



Em relação aos flanelinhas, a secretária da defesa social e cidadania, Georlize Teles, ressalta que é preciso seguir as novas normas da SMTT. “A gente está devolvendo ao centro a característica própria dele que é a rotatividade. É preciso trazer a mobilidade e agilidade que o comércio exige, fomentar o segmento é incentivar o emprego. Além disso, ocorre um processo de disciplinamento no local. Quando você cria ordem no espaço, todo mundo ganha. Com relação aos flanelinhas, a gente não pode entender como emprego, não é uma profissão regulamentada, não existe um ganho pessoal, nem profissional. Essas pessoas precisam de profissionalização, com isso, podemos oferecer dignidade para essas pessoas. A sociedade não pode mascarar situações, o flanelinha está condenado a viver o resto da vida sem nenhuma garantia previdenciária, isso é algo primitivo. Precisamos tirá-los do local, mas apresentando oportunidades para o futuro. Nosso objetivo é ajudar para que essas pessoas criem autonomia, vamos oferecer através dos órgãos competentes curso profissionalizantes”, conta a secretaria. (G1, 11/09/2015)

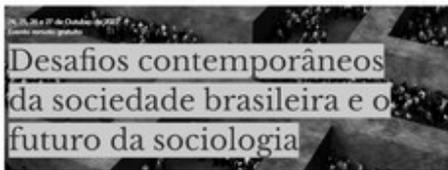
Concordamos em parte com a secretária no sentido de uma garantia previdenciária, contudo, existe a opção do pagamento como trabalhadores autônomos. Apesar de não ser regulamentada, isso não supõe a anulação desse tipo de trabalho. Assim como possui um pagamento pelos serviços indicando a troca monetária da relação no sistema de ser um valor do quanto quiser “dar”. Felizmente, eles conseguiram desestabilizar o projeto do aplicativo nos dois estacionamentos e tiveram, segundo eles, um curso de abordagem ao cliente ofertado pela prefeitura. Porque mais “primitivo” é considerá-los não fazendo um trabalho, uma vez que eles demonstram uma performance ágil de terem um meio de renda familiar. Ali, vemos a maestria de indivíduos manipulando uma forma de ganhar dinheiro no capitalismo. Por mais oposição que tenhamos à sua abordagem, seria inviável desacreditá-los na coragem de enfrentamento aos motoristas interpelados. Podemos também até desenhar a impertinência deles, mas, arranjar uma sobrevivência os colocam na perspectiva de combatentes e trabalhadores conectados de uma realidade da cidadania desconectada:

O Centro é um lugar que se você souber ter ele, você vive. Também tipo assim os carros que chegam: tem gente que não dá dinheiro e diz só amanhã; tem gente que diz que não vai dá porque não olhou o carro e a gente está aqui todo dia, a toda hora e momento. Para pegar água a gente pega lá dentro do mercado. Banheiro não tem e a gente tem que mijar atrás dos carros. (Informante-01, questão 01, 19 de out de 2022)



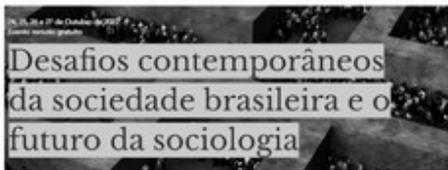
Seria incorreto não destacar que todos afirmaram que o Centro é tranquilo e bom no sentido de tirarem o seu sustento. Esclarecemos que o estacionamento do Mercado Thales Ferraz tem mais problemas de infraestrutura no calçamento e na falta da sinalização asfáltica para o ordenamento dos carros. O referente ao Albano Franco foi reformado e, nesse aspecto, colaborou na atividade da manobra dos carros. Já em uma parte paralela ao Albano Franco, temos uma insalubridade visível onde a prefeitura colocou um tipo de caixa trituradora de mercadoria orgânica estragada advinda dos comerciantes: “Essa lixeira que é muito fedorenta, água podre e essa caixa que vaza. Uma pessoa que olhasse mais pelo Mercado e, principalmente, a parte da lixeira aqui quando dá prensa escorre aquele líquido podre. Pessoa humilde, nós não estamos aqui porque quer, é a precisão” (Informante-02, questão 02, 19 de out de 2022). A consideração tem a propriedade legítima, uma vez que o problema atinge os frequentadores diários do local e causa um incômodo insuportável aos próprios transeuntes esporádicos. Mas, como afirmado os “grandões” não chegam até o Centro e o Prefeito foi qualificado de “preguiçoso” por não visitar os bairros de Aracaju. As críticas continuaram e foram direcionadas à falta de um ponto de água e energia para a lavagem dos carros, cobertura para a proteção do sol, câmeras e iluminação mais adequada.

A terceira pergunta foi unanimidade eles dizerem de uma certa combinação tranquila dos “pedaços” divididos: “Eu trabalho no meu pedaço. Cada quem se vira. Eu faço a minha parte e cada quem faça a sua, está entendendo. Saio de manhã, chego 6h e só saio depois das 18h30min da noite. Só saio quando todo mundo sai. Primeiro a chegar e último a sair” (Informante 03, questão 03, 19 de out de 2022). A “partezinha” correspondente a uma “terra nova” no sentido de estarem às margens do considerado trabalho regular. Ali, eles comandam o seu “setor” a gerar uma autonomia interessante quando comparado aos serviços esquadrihados por uma subordinação. Eles não possuem chefes do “pedaço”, assim, produzem “fluxos-esquizes”: “O corpo sem órgãos assombra todas as formas de socius” (DELEUZE &



GUATTARI, 2010, p. 379). Por isso, os “esculachos” constantes da polícia quando acontece algum roubo, sendo a afirmação de que eles não são ladrões uma constante nas conversações e exemplificadas nas frases: a) “Por causa de uns todos pagam, mas, não é assim”; b) “tem que ver quem são as pessoas, cada um tem seu coração e seu meio de viver. Assim vou vivendo”; c) “para mim a correria é ótima e não estou pegando nada de ninguém”. Aquela retaguarda de quem é bastante vigiado e identificado como potencial perigo aos moldes de serem indivíduos na/da rua, onde a ideia de libertinagem aparece, causando a aversão de outros. A lembrar o parentesco da forma ampla de se pensar a loucura, no século XVII: “Acumulada num único ponto, a loucura é o todo do desatino: o dia culpado e a noite inocente” (FOUCAULT, 1999, p.161). Logo, eles são os suspeitos dos delitos que podem ocorrer nos arredores dos estacionamentos.

Seguindo o delineamento do que podemos englobar por cidadãos desconectados, perguntamos sobre a escolaridade e o tempo da atividade. Tivemos a seguinte posição: dois, a primeira série e sabem apenas assinar o nome; cinco têm o ensino fundamental incompleto; um, o ensino fundamental completo; dois, possuem o ensino médio completo. Em relação aos anos de serviço, quatro disseram ter 30 anos de serviço; um, 15 anos; três, 04 anos dois, 05 meses. Conjugado ao assunto, tivemos esse comentário: “Estudei até a 4ª série. 15 anos que estou aqui no Mercado. Meu irmão, que era o mais velho, me trouxe para trabalhar aqui porque viu que eu estava desempregado e fui preso. Fui preso, injustamente, eu vim e gostei” (Informante 04, questão 04, 19 de out de 2022). Podemos considerar que praticamente a metade tem um tempo bastante longo na mesma atividade, a demonstrar a estabilidade da prática. Sendo a adaptabilidade uma das facetas do “corre”: “Vai se soltando mais, perdendo aquela vergonha. Eu mesmo, no início, chegava aqui e quando vinha um conhecido me escondia atrás de carro. Hoje, não, vejo o conhecido e vou em cima para olhar o carro dele. Isso com o tempo a pessoa vai melhorando” (Informante 05, questão 05, 19 de out de 2022). Uma comprovação

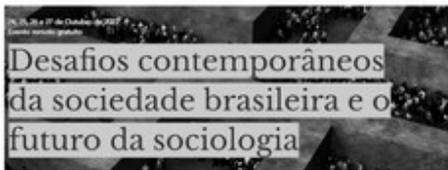


de que ser flanelinha não é uma simples escolha pela maioria das respostas relativas aos dois estacionamentos desses Mercados. Uma parte considerável ficou desempregada; outra, já fazia esse serviço nos finais de semana para complementar solário do trabalho regular. Logo, os motivos estão dentro de uma perspectiva de procurarem uma renda, pois como todos repetem, eles precisam sustentar a família. Nesse sentido, são indivíduos conectados, mesmo realizando uma espécie de “fuga” da rotina dos trabalhos baseados na lei vinculada ao Estado.

Na sexta pergunta, vemos uma espacialização do combate para serem reconhecidos pelo cliente no Centro de uma cidade. O desprezo de alguns proprietários de carro é visível para todos eles. Por isso, eles já gesticulam de longe e rápido interpretam a face dos condutores. São as camadas de uma comprovação da decência no diário de uma área urbana para carros. Na realidade, é a própria negação do trabalho que executam e isso está diretamente associado a desvalorização do sujeito como um todo. Portanto, quando os sublinhamos na condição de “esquizados”, estamos diante da qualificação de sujeitos inapropriados. Uma vez que, os donos dos carros não percebem que os estacionamentos de qualquer forma seriam cobrados. Então, teríamos ali uma área pública de domínio e privativa na organização ou um “pedaço”, continuando público, porém, sendo vigiado por indivíduos de carne e osso, os quais precisam gerar um rendimento:

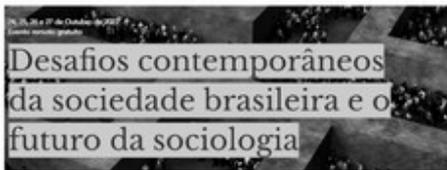
Confiança é zero com o cliente. São poucos os que confiam, mas a gente tenta levar o melhor para o cliente. Se sentir à vontade e deixar seu carro. E quando voltar está tudo do mesmo jeito. Já tem outros, não, já trata a gente de outra forma e a gente sempre mostra que não é o que eles estão pensando. Tem que ganhar, tipo sem mexer em nada de ninguém. Vem várias pessoas do interior e a gente vai guardando o carro e vai encostando os carros na vaga e sempre deixando o cliente bem agradável porque a desconfiança é grande, olham com outros olhos diferentes. Isso aí é o de menos. (Informante 06, questão 06, 19 de out de 2022)

Na última, foi mencionado o Rotativo Aju a relembrar o problema de 2015 para os flanelinhas quando a Prefeitura tentou “ordenar” o espaço. Geralmente, os projetos urbanísticos seguem uma reta: a de retirar os considerados incômodos que vivem



mais soltos nas ruas e desenvolvem uma sobrevivência delas. E a cada etapa da tecnologia isso se agrava porque os indivíduos conectados por redes fazem seus percursos sem o contato com outros. O aplicativo executaria a operação de pagamento e mais uma forma de relação seria substituída como também o de ganhar: “Antes, com o parquímetro, a gente pegava o ticket na máquina, pagava e o cliente pagava a gente. Agora, com essa história de modernizar, cada um vai fazer no seu telefone e a gente como fica?” (AJN1, 16 de set de 2015). Ações que condizem ao desrespeito dos gestores à realidade das ruas, as quais possuem, nesse caso, uma diversidade de atos considerados rejeitados. Desvalorizar a tarefa dos cidadãos desconectados é a recorrente maneira de segregar a espacialidade, especialmente, nas regiões centrais das grandes metrópoles. Diversos modos de apontar os “a-sociais” na combinação estreita de “controle moral” e “lucro econômico”. Se para o poder público, eles demarcam a indisciplina, para nós, a apreensão dos modos de estar nas ruas são outros e esclarecidos abaixo:

Para mim está bom demais, não tenho outra profissão, nenhuma. Minha profissão é lavador. Minha vida toda foi lavador e se isso acabar para nós, eu não sei nem como eu vou sobreviver. Acho que o governo tem que dar um emprego e também nós fomos cadastrados. Teve uma época que queria tirar nós e botar o parquímetro. Aí chamaram a gente e aí a gente foi em uma aula para pegar um diploma dos flanelinhas. Eu tenho o diploma dos flanelinhas. Eu fiz lá, esqueci o nome, onde era, mas, eu fui lá quando foi botar o parquímetro aqui. Está bom e não tenho o que falar do Mercado. O Mercado sempre foi bom para mim. Sempre ganhei dinheiro dele e sempre vou ganhar dinheiro nele. Vou morrer aqui pelo jeito. Já estou um coroa e vou morrer aqui. Vou ficar por aqui como eu estou dizendo. Cliente é só amizade e cada dia eu faço uma amizade diferente nesse lugar e sempre é bom fazer amizade. Cada dia um freguês novo e amigo novo. Dia de sábado é o dia mais movimentado e sempre as pessoas me procuram e cada dia vai melhorando para mim. Cada dia uma pessoa e um conhecimento bom nesse lugar e vai melhorar para você o Mercado. É cansativo e tenho problema no meu joelho disso aqui. Tenho minha pasta de joelho “canela de véio” e foi minha mulher que comprou. Quando chego em casa é uma dor danada. Porque é cansativo, você corre, entra carro e vai para lá. Sol quente e embaixo desse sol, lava carro e outro. Mas, trabalho é trabalho e tem que trabalhar para sobreviver. Ruim é pegar as coisas dos outros. (Informante 07, questão 07, 19 de out de 2022)



O diploma de flanelinha foi uma ideia da própria Prefeitura durante a tentativa de instalação do Rotativo Aju. O objetivo, da Superintendência Municipal de Transportes e Trânsito-SMTT de retirá-los dos estacionamentos dos dois Mercados, ocasionou esse curso como ato de legitimar o poder de qualquer jeito. Ou seja, a última palavra é a do domínio maior, demonstrando uma solidariedade, inclusive, a favor da atividade de guardadores de carro. Não esquecendo de que eles tiveram que enfrentar os guardas municipais e, justamente, para comprovar serem trabalhadores. Assim, o desígnio de um certificado significa uma operação institucional reconhecendo a necessidade dos próprios flanelinhas. Mas, ao terem o diploma em mãos, os confrontos existiram de forma agressiva, sedimentando a confirmação de que o gestor urbano fez uma assistência por conveniência. Contudo, os flanelinhas venceram o duelo, a garantir o seu “pedaço”, inviabilizando a tomada do seu espaço pelo “*homo liber* da hiperculturalidade”. Pois para a cidade inteligente, a democracia fica resumida ao celular e, logo, os indivíduos conectados com a sua cidadania de “superabundância de relações e possibilidades” (HAN, 2019) enfraquece a ação dos cidadãos desconectados. Interessante colocar que a benevolência dos gestores em ofertar o curso se complementa à cena de uma guerra na tentativa de expulsão. Talvez, o curso era uma estratégia na intenção de acalmá-los pelo colocado no depoimento de um deles:

Eles mandaram a gente fazer curso, a gente fez. Mandaram a gente ir pra um lugar, depois mandaram a gente ir pra outro e agora somos 30 cadastrados. Aí, eles pegam o número do telefone e manda a gente ir pra casa dizendo que qualquer coisa entram em contrato com a gente. E a gente vai ficar assim, sem trabalhar? (Infonet, 02 de out de 2015).

E o próprio comentário de Nelson Felipe, Superintendente da SMTT, deixa transparecer a incoerência: “E agora todos continuam sendo coagidos e ameaçados, não vamos ser hipócritas. Flanelinha não é trabalho. Eles têm que migrar para outra atividade regulamentada porque, como flanelinha, a prefeitura não vai permitir” (Infonet, 02 de out de 2015). Ou seja, a operação era para expulsá-los do Centro, fortalecendo o modelo de eliminação do diferente a partir de um pensamento dos

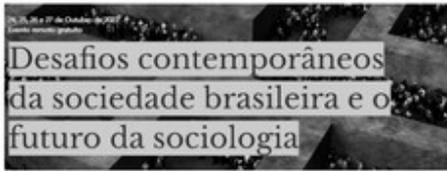


espaços centrais justapostos, somente, pela consideração de quem seja rentável pelo modelo oficializado – nesse caso, alguma empresa com o apoio político dos recursos públicos sem esquecermos da colaboração da polícia fazer a segurança dos carros, já explicitado acima. Portanto, não há incompatibilidade entre a agressividade da guarda municipal e das frases invertidas de que seriam os flanelinhas a ameaça nos Mercados:

Eles nem conversaram e já chegaram atirando pra cima da gente. Tivemos que correr. Ainda levaram duas pessoas para a delegacia enquanto outros ficaram aqui acampados. Nós só estamos lutando pelo direito de continuar trabalhando aqui, coisa que fazemos há anos. Como vamos sustentar nossas famílias sem poder trabalhar aqui? (Infonet, 01 de out de 2015)

Fazer esse recorte do passado, esclarece três fatores: a) Como os gerenciadores do espaço urbano agem em detrimento dos “desconectados” e em acordo comum ao regime oficial dos ganhos empresariais; b) a espacialidade é poder e deve esquadrihá-la ao máximo em proveito de uma ordem do lado do mais forte; c) a “tecnópolis” incorpora as diretrizes da cidade para poucos de forma incisiva e muito mais fácil de excluir. Possibilidades inúmeras de formatar o espaço urbano limpo, desterritorializado e reterritorializado por mecanismos das anulações aos indesejáveis. Nesse segmento, temos a impressão de que ser “esquizado” é a forma de dar um peteleco ao capitalismo e como Deleuze & Guattari (2010) supõem: “Movimento do teatro da crueldade; já que este é o único teatro de produção, onde os fluxos traspõem o limiar de desterritorialização e produzem a terra nova”. (p. 426). Pelo menos naquele “pedaço”, eles não estão sujeitados a alguém e no “corre” faz valer o seu estilo de fabricar uma espacialidade nas beiradas dos foras da lei.

Por isso, a ação dos flanelinhas, segundo o posicionamento da Prefeitura, teve o sinônimo de “baderna”. Logo, a cidade escolhe seus indivíduos conectados e esses seriam os pagantes do Rotativo Aju, caso eles não tivessem uma ação de guerra na acepção de passarem acima das diretrizes impostas de uma “sociedade esquizofrenizante”. Para os guardadores dos carros, teríamos a interrogação: quem

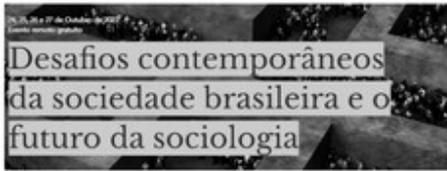


são eles? “Esquizos” que também possuem direitos à cidade, no mínimo, de sustentarem à sua família. Mas, a porta da cidade só tem a crença nos “merceeiros” e são a eles que ela conjuga desde seu surgimento os merecedores de suas benesses. É a espacialidade fragmentada aos pagantes e como Nietzsche (2016) afirma, talvez, desdenhando do progresso: “Toda a verdade é sinuosa; o próprio tempo é um círculo” (p. 165). Assim, vimos desde a expulsão do “louco”, o objetivo de se arquitetar uma cidade para os “normais”. Porém, os espaços urbanos são feitos de paradoxos, enquanto uns tem a dita razão; outros, possuem o “desatino”. Desatino como o desdobramento de serem ferozes naquilo que eles acreditam ser uma possibilidade de existência.

Seja na dimensão da ciência ou de um viés artístico das ruas, aprendemos que os diversos rostos de uma cidade se encontram também no movimento intenso do fazer a vida, significando uma marcação adjunta de urbano e trabalho. Por isso, se o hipercultural não tem “distância proxêmica” (HAN, 2019), o “caminhante”, como cidadão desconectado de uma realidade com fundo palpável, reconhece a espacialidade e suas divisões localizadas no ato de serem distintos. Os indivíduos podem estar conectados pela virtualidade de seus *smartphones*, porém, o navegar para a maioria, sem a segurança e o dinheiro que garante a escolha do ir e vir a qualquer parte do mundo, não estabelece a anulação das fronteiras. Elas são próprias de quem tem o local bastante nomeado e necessário ao ato de se fazerem presentes:

Existe apenas o real, ou seja, um conjunto de condições – tanto naturais quanto sociais –, cuja conexão final escapa a qualquer diretriz, e humanos que fazem dele, ao mesmo tempo, o lugar de seu ganha-pão e o teatro de suas ilusões – que são perfeitamente “reais” visto que apenas elas lhes fornecem as razões de viver e de agir. (RANCIÈRE, 2017, p. 46)

E cada flanelinha tem seu “pedaço” da sobrevivência, onde estabelece como povo “o lugar de seu ganha-pão e o teatro de suas ilusões” quando fabricam dentro do cenário de um estacionamento suas “razões de viver e de agir”. E na ordem de saberem que suas vidas dependem tão somente deles: “Os grandões não fazem nada, não melhora. Dizem que vão fazer e no dia não faz nada. E a gente fica dessa forma



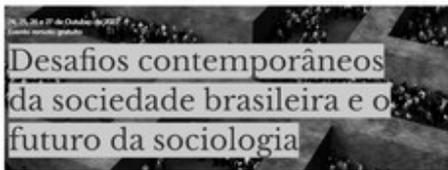
aí, trabalhando desse jeito, respeitando a todos, não só os clientes, mas também os pedestres. E assim vamos vivendo na mão do Senhor” (Informante, 19 de out de 2022). Para eles, o Estado, aparece como detentor de um poder que os tornam sinônimos de delinquentes. Logo, a desvalorização à prestação dos seus serviços chega dos dois lados: dos prováveis clientes e dos gestores da cidade. Esse é o roteiro de quem estabelece um encontro de vida com as ruas, mas, sendo aquele “resto”, o qual deveria ser descartável. Novamente, a terra dos “esquizos” sempre será alvo do vislumbre paranóico da articulação com o considerado racionalizado. Nesse sentido, os flanelinhas são os vestígios de uma dosagem do ânimo de formatarem seus trajetos por uma curvatura que excede a dita linearidade. Há uma liberdade quando estabelece um modelo de tarefa distante das profissões catalogadas pelas ordens estabelecidas. Ações de indivíduos criativos na esperança de serem respeitáveis mesmo durante as abordagens negativas de indiferença, colocando a atividade no segmento do abjeto. Ser útil e não-útil é a pedra de toque do capitalismo, e, nisso, colocamos que uma flanela na mão estabelecendo uma relação de troca consegue ser um fenômeno agradável na posição de, às vezes, acharmos o humano em nós.

3. Sociabilidades do “corre” e a contingência do estacionar

É certo na incerteza

Emicida

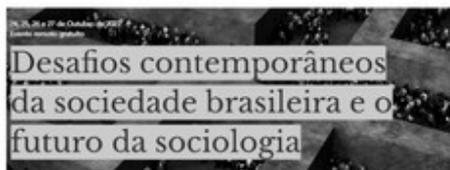
A atividade de flanelinha se estende à confiança de quem sai tranquilo por deixar o carro guardado. Contudo, nesses contatos, a contingência faz parte da rotina como aquela que influencia as ordens do diário e, portanto, jamais pode ser desprezível. Concordamos, que a contingência é universal no campo social (DELEUZE & GUATTARI, 2010) como também o é o poder nas relações humanas



(GIDDENS, 2009). A socioespacialização de um estacionamento comprova o caráter estreito da microsociologia e macrosociologia. As duas rodeiam no mesmo grau o “corre” dos flanelinhas, os quais rebatem com criatividade os obstáculos do meio social. Um “meio” em que o espaço e as ações precisam de ajustamentos rápidos de orientação porque a intencionalidade é o convencimento ao outro de um trabalho. E caracterizar os atos dentro da perspectiva de uma “segurança ontológica” (GIDDENS, 2009) não anula que o aparente ordinário das ruas congrega também uma pluralidade dos contatos imprevistos e condensadores de sentidos.

Por exemplo, ter um monte de chaves à mostra na cintura da calça já indica que é alguém conhecido na área. Além disso, existe a construção de um elo do contato que ficou mais extenso: “Tendo uma certa facilidade, vamos dizer assim no popular. Você não vai só conhecer o olhador de carro e o proprietário, você vai conhecer os feirantes e vai passar a fazer mais amizades. Conhecer o dono de uma loja e fazer amizades” (Informante, 19 de out de 2022). Logo, possuem uma rede de segurança a demonstrar o mapeamento humano da área e a aceitação de alguns da atividade praticada. Sendo a nítida compreensão de que eles estão sobre o domínio da situação, pois, sabem justificar suas ações (BOLTANSKI & THÉVENOT, 1991) e refletirem sobre eles mesmos (LATOURET, 2012). Aqui entra o limite da apreensão científica quando ela própria precisa compreender os agentes: então, deixe-os falar!

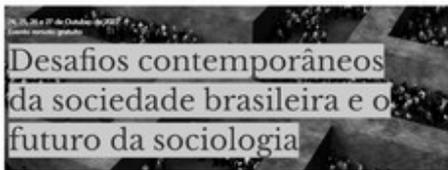
A camaradagem dos flanelinhas com eles mesmos foi visível e era proporcional ao tempo de serviço – reforçando a ideia de que quanto mais antigo na localidade, maior o respeito. Por isso, eles já indicavam quem melhor poderia responder as questões, comentando que “aquele ali sabe das coisas”. Notamos a sinalização do orgulho desses antigos de terem sedimentado uma intimidade de vários anos de coleguismo. Um e outro apontava os anos de Mercado e a amizade de passarem por tantos desafios juntos. Lembraram da última reforma, em 2015, quando ficaram comprimidos em uma pequena área. E na atitude parceira de aceitarem o “pedaço” de cada um, a evitar conflitos. Isso não supõe que não houve discordâncias, somente,



aponta uma sobriedade de resolução dos problemas. Além disso, tivemos um comentário bastante encostado aos mecanismos de individualismo: “Cada um faz sua parte, eu faço minha parte aqui e cada um faz a sua parte lá. Eu trabalho no meu pedaço. Cada quem tem seu pedaço. Cada quem se vira. Eu faço a minha parte e cada quem faça a sua, está entendendo” (Informante, 19 de out de 2022).

E na relação com os clientes, durante as gravações, vimos clientes saudando-os como “irmão” em uma atitude de proximidade e gentileza: “Um comportamento específico da sociabilidade é a cortesia, com a qual o forte e o extraordinário não somente se igualam aos mais fracos, como também agem como se o fraco fosse o mais valoroso e superior” (SIMMEL, p. 79-80, 2006). Eles afirmam a ideia do agradar, uma vez que o dinheiro entregue é da escolha do cliente possibilitando o entendimento de uma cortesia de ambas as partes. Então, a troca na existência de uma consideração mútua leva a uma conversa, elaborando um conhecimento da pessoa flanelinha e do cliente – se o cliente faz o pagamento e é indelicado, eles não gostam, a confirmar uma sinalização de ofensa. Corta a impessoalidade de uma troca monetária, porém, o cuidado para não exceder existe como em qualquer relação de trabalho. O jogo é saber conciliar alguma regularidade com a novidade de quem chega. O diálogo, na maioria das vezes, é veloz, mas, esclarece quase sempre se será efetuado o “agrado” com cordialidade ou não. Face a face de leitura do enquadramento de ignorantes x educados; geralmente, os primeiros já viram as costas com desdém e partem calados. Os outros, acenam e respondem à interpelação de confirmarem o estabelecimento do serviço.

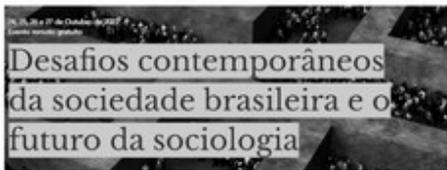
Foram essas observações que nos permitiram enxergar nos guardadores de carros a proximidade de um fazer em que a sociabilidade existe por dentro de atos que escapam aos aspectos das regras, assim, “os enigmas devem ser olhados a partir das suas tonalidades marcantes: *claro-escuro*” (PAIS, 2007, p. 65). Essas cores gêmeas, nos fez ver a junção do “corre” iluminando duas sociabilidades – a comunidade dos flanelinhas e de seus clientes – e o ato de parar a máquina produzir a



contingência dos contatos inesperados, comuns às zonas centrais das cidades. A certeza da efervescência das particularidades e dos modos de com-viver no espaço urbano, a transparecer que, para os flanelinhas, os proprietários dos carros significam sua estadia permitida na “selva dos homens cinzentos”. Lembremos, aqui, a catalogação das diferenças, em espaços fragmentados da cidade, a qual caracterizava cada ação dos passantes mediante a “infinetização” (RANCIÈRE, 2017) de tipos urbanos na prosa e na poesia: sejam eles considerados ajustados ou nervosos. Paradoxos do narrar literário em relação ao da ciência, enquanto, o primeiro, encosta na dimensão de colocar destaque a qualquer corporeidade das ruas, o segundo, compõe um manifesto de inquietação com a desordem.

E, nesse ponto, optamos em apreender que cidadãos desconectados, reagem e operam nas pequenas áreas a construir espaços socializados. Segundo Rancière (2007), até a arte perdeu o fio de pensamento sobre o povo, porém, acredito que a ciência deve procurá-los nos caminhos diligentes dos espaços urbanos. São “actantes” comungando percursos fora da rota estabelecida porque impõem uma condição de estar incomodando o princípio da homogeneidade. Contradições de um “faz de conta” porque, às vezes, ambos fazem parte de uma mesma esfera de cidadãos desconectados: clientes e guardadores. Há a impossibilidade de saber quem é do lado dos proprietários de carros os vulneráveis da vida urbana –, porque nas redes de uma sociabilidade: “Nelas encontramos a reciprocidade entre os elementos que carregam consigo todo o rigor e a elasticidade, toda a variedade policromática e a unidade dessa vida social tão clara e tão misteriosa” (SIMMEL, 2006, p. 17).

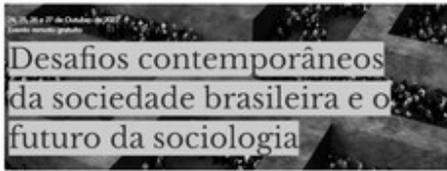
Portanto, no dia a dia de calor intenso de dois estacionamentos, existem vidas e o agir por elas: “Olha, é um desafio: sol quente, os clientes, às vezes, alguns bem-humorados, mas alguns muitos mal-humorados” (Informante, 19 de out de 2022). Por enquanto, porque a tentativa dos procedimentos de exclusão com um tipo de *Flex Park* foi escanteado, comprovando até uma sociabilidade de comunidade política. Assim, os projetos dos espaços urbanos seguem uma prática na execução do



pensar próximo de como seria arrumar os órgãos de quem anda com o “corpo sem órgãos” (DELEUZE & GUATTARI, 2010). Esse rearranjo provoca mais anulação dos “fluxos-esquizes”, uma vez que os atos fugidios de um “corre” possui um estranho querer de “reencontrar a terra”. Ou seja, a territorialização ali produzida excede a delimitação de uma “mais-valia” escalonada para poucos. Eles fixam um jeito nômade de ter duas espacializações, enfim, o paradoxo dos meios: “É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade” (DELEUZE & GUATTARI, 1995). Aí fica impossível apontarmos o “fim e o começo”, ou melhor, inventores de uma terra “transposicional”, a corresponder uma voz “multivocal e plurívoco”.

As ruas da modernidade nos deram essa dimensão da abertura de um pensar sobre o povo nas suas algazarras positivas de balançar a própria razão. Sendo um pincelar sem filtros à composição das ações nas cidades. Assim, vimos que os “quadrados” aparentes paralelos aos Mercados, formata o “jogo da sociedade” desde a esfera da composição econômica, política e de “corpos desejanter” sobre o “pedaço”. Por exemplo, ao comentar sobre o “fio perdido” Rancière (2017) nos oferece uma multiplicidade de rostos colocados dentro de uma literatura em que a ligação dos personagens não estava afastada do sonho e do agir: “Atrás de cada janela, em cada cruzamento de cada rua, no limiar de cada lugar de prazer, ele pode se oferecer ao trabalho de “infinetização” da república estética” (RANCIÈRE, 2017, p. 120). Essa condição da arte encostada à vida real, nos fez pensar sobre as limitações da ciência quando procura encontrar nos caminhantes uma forma de embasar um paradoxo em que nos perguntamos, no século XXI: onde enxergar as marcas do sociável mesmo nas camadas mais contingentes dos contatos?

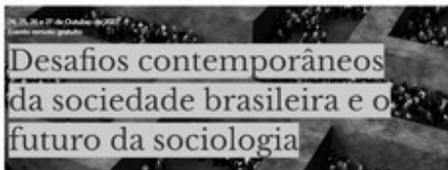
Então, a caminhada nos levou a polissemia dos Mercados e, em seu entorno, avistamos a tarefa rápida de enfileirar as máquinas-símbolos da cidade corrida no “corre” de indivíduos acostumados ao movimento. Parâmetros de destacar a travessia de quem absorve e faz os espaços terem ressonância do agir nele. Rancière nos alerta



da condição de observar o mundo sensível em que: “Esse laço entre uma faculdade de sentir e uma faculdade de comunicar, própria à humanidade como tal, já ocupa há algumas décadas os espíritos” (2017, p. 96). Se foram os poetas a vislumbrarem essa primeira condição do comum, a ciência social apreende que diante de uma razão única, muitos cortes recheiam outras maneiras de viver. Nisso, vimos que o agir dos flanelinhas faz parte dessa “multiplicidade” do social em que encosta no caráter deles serem para além de uma definição do cálculo. No espelho de si e de forçarem um reflexo para o outro, eles elucidam o viés da desconexão aos princípios regulares de uma democracia e, ainda, resguarda uma utopia de um acreditar na narração de que a cidade pode melhorar.

Parece mais uma desconstrução de nossas posições ao perceber que o indivíduo faz suas reconexões e, enquanto, puder gira sobre os elos de regras da vida social. O “pedaço” é a “cidadania” da possibilidade e, talvez, os caminhos sinuosos do ganhar o pão agindo no limite de um domínio quase impelido ao outro, nos faz compreender a incabível expressão da igualdade. Nesse sentido, eles aprendem como indivíduos ‘esquizes’ que a atividade gera uma ansiedade de fazer o certo na comunicação, assim, tivemos a colocação: “A abordagem é mais bom dia e boa tarde. Se a gente chamar de patrão, eles respondem: “está me chamando de ladrão”. Muitos respondem dessa forma que patrão é ladrão. Eu trabalho dessa forma com bom dia e boa tarde” (Informante, 19 de out de 2022). Vemos algo comum na constituição da sociedade brasileira em pensar que os atores importantes e seus cargos altos geram uma certa suspeição do caráter – algo bastante referenciado nas nossas raízes ibéricas e, reconhecidamente, na proposição do “sabe quem eu sou”. Essa racionalidade de repudiar qualquer dominação e considerá-la ilegítima chega também nas sociabilidades efêmeras.

Portanto, a atividade requer o popular “jogo de cintura” apropriado à famosa “ginga” dos brasileiros. Porém, são formas de trazer o outro para o lado frágil da situação. Adaptabilidade de um ajustamento para a sobrevivência: “Tem dificuldades,



mas alguns que são ignorantes dá para eu contornar isso. Vem com a ignorância e eu trato com a educação, quebro a pessoa” (Informante, 19 de out de 2022). Esse “quebrar” faz parte da condição esquizofrênica porque é a produção de um diálogo para contornar o impulso de resposta na mesma tonalidade. Aqui, a indignação deve ser transformada no seu contrário: o pagamento pelo serviço, nesse caso, considerado dispensável. Vemos que o anterior “ganhar fácil” não é tão fácil, e, as coordenadas da atividade vai da agilidade corporal à polidez. Um povo que aprende a ser múltiplo na área curta e entre os carros, dando conta de um saber gentil, ao contrário, de esperar do Brasil algum ato de que “és mãe gentil”.

Apesar de enunciarem essa ignorância de alguns proprietários de carro, todos eles enfatizaram uma relação boa com os clientes: “Aqui a confiança é muita e sempre não falta, crescer sempre e Graças a Deus. Não tenho o que reclamar de nada, os clientes todos confiam em mim e quem quiser aparecer, pode aparecer que vai ficar a mesma coisa” (Informante, 19 de out de 2022). E a observação estava associada à afirmarem que os ganhos diários são suficientes apesar de serem bastante variáveis de R\$40,00 a R\$60,00, podendo ser maior por conta da limpeza dos carros. Esses valores são decorrentes de uma junção de R\$0,05 a R\$2,00 pela segurança dos carros; já por lavar o carro, eles cobram R\$10,00. Por isso, a perspicácia é oferecer esse trabalho de imediato a qualquer sinal de sujeira no veículo. Ao mesmo tempo em que a higienização tende a ser uma forma mais valorizada da mão de obra. Eles se sentem mais dignos, a relacionar a atividade manual e a satisfação dos donos de carro – a máxima da ideia do trabalho cansativo para o corpo, por isso, a incoerência de ser preferível o pagamento do Rotativo Aju? Mesmo considerando a indispensabilidade de fazer a organização dos carros: “E se a gente ficar meia hora aqui parado, você vê engarrafamento e carro bater no outro, entendeu” (Informante, 19 de out de 2022).

Há muitas outras questões que interferem na sedimentação de uma relação tranquila com os clientes e uma delas é a prática dos delitos: “Muitos fazem coisas erradas, outras pessoas, não fazem. Muitas pessoas pensam que são todos que fazem.



Tem pessoa que se faz que é flanelinha para roubar e para machucar o carro das pessoas. Nessa praça nova só tem trabalhador, Graças a Deus” (Informante, 19 de out de 2022). Porém, outros que se passam por flanelinhas, ou seja, não os são, cabendo a divisão dos trabalhadores x delinquentes. O “todos” da frase anterior está associado aos olhares de receio e a compreensão da quase obrigatoriedade do pagamento, senão, uma avaria no carro. Eles afirmam fazer somente a tarefa de assegurar a proteção do carro independente do tipo de cliente. Portanto, o “agrado” é para a certeza de encontrar o carro como deixou, afinal, eles estão naquela função no intuito de fazer a garantia de um bem alheio intacto. E convencê-los é a prática deles, os quais a cada giro e corrida executam a comunicação de demonstrarem ser úteis.

Terminamos essa parte com o vislumbre de que a comunidade dos flanelinhas reconhece a diversidade deles próprios: “Os colegas aqui cada um tem um proceder: aqui tem um, aqui sou eu e outros lados aí são outras pessoas e cada um respeita o proceder dos outros. Mas, estamos aí e somos todos guerreiros” (Informante, 19 de out de 2022). O “proceder” está ligado à origem e nada mais polissêmico que o povo. Assim, eles são os donos do “pedaço” de uma ínfima parte do Centro. Saem de casa na vontade de fazer o dia e como “guardadores”, na verdade, “guardam” um pouco da liberdade de agirem naquelas áreas.

4. Considerações Finais

Socorro no meio da correnteza

Emicida

A cidade é palco de transformações sobre o entendimento do indivíduo aceitável ou não em suas ruas. Primeiro, na idade média, ele era enviado para outras paragens na “nau dos loucos” e, após, na idade clássica, foi trancafiado nos sanatórios

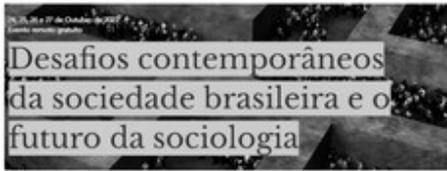


(FOUCAULT, 2000). A seguir, a palavra de ordem em destaque se alicerçava em conhecer o esquizofrênico, e, a psicanálise tenta fazê-lo visível na dimensão triangular da família. Deleuze & Guattari (2010) apreendeu essa institucionalização como o fechamento dos fluxos e na “desterritorialização do *socius*”. Assim, esmiuçar as ruas nas multiplicidades possui um encanto para o leitor, mas, ao sairmos das frases ao real dos cantos de exclusão das cidades, vemos nos variados “esquizes” uma vontade de saber porque para eles as sombras aparecem com mais força mesmo sendo “grupos sujeitos”. Como também, foi a existência da voz do povo na arte e na sociologia, que me fez pensar nesse “corre” da sociedade conectada (hiperculturalidade) com cidadãos desconectados (figuras- esquizas), fundamentado pela recordação de Rancière dos tipos modernos em que é necessário “perceber as mutações do olhar e do pensamento, as divisões do tempo e do espaço, palavras e imagens, segundo as quais a ideia da poesia e da república puderam se associar para desenhar um certo rosto de comunidade” (2017, p. 121). Talvez, aqui, nós temos que fazer um emblemático “a César o que é de César” pela recordação do poema de Charles Baudelaire, “O Vinho dos Trapeiros”, ao terminar as conversações com os guardadores de carro no Mercado:

Muitas vezes, à luz de um lampião
sonolento Do qual a chama e o vidro
estalam sob o vento, Num antigo arrabalde,
informe labirinto,
Onde ferve o povo anônimo e indistinto.

Vê-se um trapeiro cambaleante, a fronte
inquieta, Rente às paredes a esgueirar-se
como um poeta, E, alheios aos guardas e
alcaguetes mais abjetos Abrir seu coração em
gloriosos projetos.

Juramentos profere e dita leis sublimes
Derruba os maus, perdoa as vítimas dos
crimes, E sob o azul do céu, como um
dossel suspenso, Embriaga-se na luz de seu
talento imenso.



Toda essa afeita às aflições caseiras,
Derreada pela idade e farra de
canseiras,
Trôpega e curva ao peso atroz do asco
infinito, Vômito escuro de um Paris enorme
aflito,

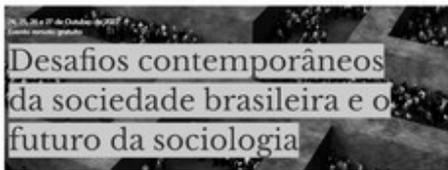
Retorna, a trescalar do vinho as
escorralhas, Junto aos comparsas
fatigados das batalhas, Os bigodes
lembrando insígnias espectrais
Os estandartes, os pendões e os arcos triunfais

Erguem-se ante essa gente, ó solene
magia! E na ensurdecidora e luminosa
orgia
Dos gritos, dos clarins, do sol e do
tambor, Trazem eles a gloria ao povo
ébrio de amor!

Assim é que através da ingênua raça
humana O vinho, esplêndido Pactolo, do
ouro emana;
Pela garganta do homem canta ele os seus
feitos E reina por seus dons tal como os reis
perfeitos.

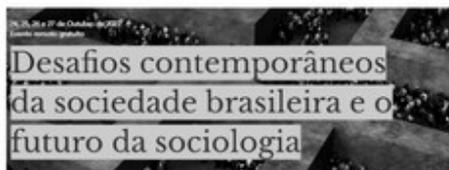
E para o ódio afogar e ócio ir entretendo
Desses malditos que em silêncio vão
morrendo, Em seu remorso Deus o sono
havia criado;
O Homem o Vinho fez, do Sol filho sagrado!

Com os “corres” nas/das ruas, compreendemos que: “Sobre todas as coisas se encontra o céu Azar, o céu Inocência, o céu Acaso e o céu Ufania” (NIETZSCHE, 2016, p. 172). Porque são esses caminhantes que, ainda, abrem um riso de satisfação do ganhar a vida na área de um Centro. Do azar, eles aprendem o jogo do convencimento; da inocência, produzem o seu “pedaço” de ação; do acaso, tiram a surpresa de um sentimento; da ufania, afirmam o com-viver da diversidade. Portanto, dois estacionamentos com entornos de tantas comunicações registram um modo arteiro de conjugar vozes que afirmam ser trabalhadores: “máquinas vivas”, as quais



não se reduzem aos padrões de empregos do capitalismo. Criam sua “terra” na área em que o Estado e empresas privadas tentaram comandar. A desafiar também a falta de reconhecimento e a impor um limite de que o “futuro está em qualquer lugar” “para onde eu me virar”” (HAN, 2019); ao contrário, eles estão ali sentindo o intercâmbio da dor e do prazer de serem flanelinhas.

Então, resumidamente, quisemos trazer para o artigo a relação do desencontro atrás das palavras conectar e desconectar quando estamos no espaço urbano enxergando, para além das mídias virtuais, os passos dos inquietos que ganham a vida em uma interpenetração com o movimento das ruas: os “flanelinhas”. Assim, pensamos na mediação desse mundo da “hiperculturalidade” (HAN, 2019), onde cada lado possui um celular no bolso a fabricar suas escolhas particulares, que a tudo pode deixar sem forma e sem fundo no real. Um algoz fascinante a ofertar a falta de “pedaço” e a uniformizar qualquer coisa na redução do consumo pelo consumo. A lembrar o alerta de Heidegger (2018) de que deveríamos pensar “o passo de volta” no “eterno retorno” (NIETZSCHE, 2016) de termos o cuidado de cuidar de quem somos nos deslizamentos de cada avenida da cidade. Fazer esse intercâmbio nos coloca por dentro do ponto de desestabilização do pensar as ruas e uma forma de vivenciá-la para além dos contatos ríspidos. Ou melhor, para além do bem ou do mal na observação dos indivíduos que elaboram as suas vidas nelas. Nisso já perguntarmos na possibilidade: esperamos com-viver na cidade ou estamos desacreditados dela? Afinal, a cidade não se reduz aos dados de quem a regulariza e, sim, dos caminhantes que fundam trajetos das idas e vindas das distintas ramificações circunscritas pelos indivíduos como, por exemplo, os guardadores de carros. Se somos utópicos, diríamos que não, somente, um pouco de arte e ciência que já aposta na condição contingente de qualquer reflexão, pois: “Há uma coisa impossível em qualquer parte, e essa coisa é a racionalidade” (NIETZSCHE, 2016, p. 173) ou “Não é o sono da razão que engendra os monstros, mas a racionalidade vigilante e cheia de insônias” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 153). Esperemos,



portanto, por uma “revolução convivial” sem pesadelos e afeitos a uma inovação maquínica humana.

Referências bibliográficas

BOLTANSKI, Luc & THÉVENOT, Laurent. **De la justification: les économies de la grandeur**. Paris: Éditions Gallimard, 1991.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva. 1999.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da Sociedade**. Tradução de Álvaro Cabral. 3ª ed. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2009.

HAN, Byung-Chul. **Hiperculturalidade: cultura e globalização**. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

HEIDEGGER, Martin. **Identidade e Diferença**. Tradução de Ernildo Stein. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede**. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra: livro para toda a gente e para ninguém**. Tradução de José Mendes de Souza. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

PAIS, José Machado. **Sociologia da Vida Quotidiana: teorias, métodos e estudos de caso**. 3ª ed. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2007.



RANCIÈRE, Jacques. **O fio perdido: ensaios sobre a ficção moderna**. Tradução de Marcelo Mori. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

SENNETT, Richard. **Construir e Habitar: ética para uma cidade aberta**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SIMMEL, Georg. **Questões Fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradução de Pedro Caldas, Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

VANDENBERGHE, Frédéric. Cultura e Agência: a visão “de dentro”. **Sociologias-Dossiê**. Porto Alegre, ano 18, no 41, jan/abr 2016, p. 130-163.

Jornais

Agora são os flanelinhas. **Jornal do Dia**. 04 de Out de 2015. <https://jornaldodiase.com.br/agora-sao-os-flanelinhas/>. Acesso em 12 de nov de 2022.

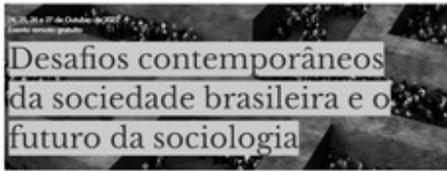
Flanelinhas e GMA: clima tenso no mercado. **Infonet**. 02 de out de 2015. <https://infonet.com.br/noticias/cidade/flanelinhas-e-gma-clima-tenso-no-mercado/>. Acesso em 12 de nov de 2022.

Flanelinhas fazem manifestação contra estacionamento rotativo em Aracaju. **AJN1**. 09 de set de 2015. <https://ajn1.com.br/urbano/flanelinhas-fazem-manifestacao-contr-estacionamento-rotativo-em-aracaju/>. Acesso em 25 de nov de 2022.

NAVARRO, Fredson & ANDRADE, Tássio. SMTT apresenta novo sistema de estacionamento rotativo de Aracaju. Rotativo Aju começa a funcionar na segunda-feira (14). Aplicativo pode ser baixado nos smartphones e já estão disponíveis. **G1-SE**. 11 de nov de 2022. <http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2015/09/smtt-apresenta-novo-sistema-de-estacionamento-rotativo-de-aracaju.html>. Acesso em 12 de nov de 2022.

Rotativo: placas são destruídas em ato de flanelinhas. **Infonet**. 01 de out de 2015. <https://infonet.com.br/noticias/cidade/rotativo-placas-sao-destruidas-em-ato-de-flanelinhas/>. Acesso em de nov de 2022.

Música



OLIVEIRA, Leandro Roque De & MOREIRA, Vinicius Leonard. Letra de Principia. *In*: EMICIDA; VIEIRA, Henrique; COZZA, Fabiana & Pastoras do Rosário. **AmarElo**. São Paulo: Sony Music. CD. Faixa 1. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=h8gotN_Na28. Acesso em 28 de nov de 2022.